

Conquista

Taiú. Uma prancha, a tragédia e a volta ao mar

Simone Queirós

Da Redação

Enquanto Taiú vai solto em um assento especial, outros dois surfistas auxiliam

Foram 18 anos, 8 meses e 11 dias sem surfar, mas no último dia 12 de julho um outro mundo se abriu para Octaviano Augusto de Campos Bueno, a lenda do surf Taiú. Considerado um dos melhores big riders (ver glossário), tendo consagrado o Brasil no cenário do surf mundial e conquistado o Campeonato Brasileiro em 1984, ele teve a carreira interrompida bruscamente em 1991. Um mês antes de completar 29 anos, em 1º de novembro, uma onda mal completada na Praia de Paúba, no Litoral Norte, o deixou com a quarta vértebra cervical quebrada e a medula óssea traumatizada.

Mesmo só conseguindo mexer a cabeça, em todo este tempo Taiú nunca parou de pensar no surf e realizar projetos voltados para o esporte. Seja escrevendo seu livro, Alma Guerreira, colaborando como colunista em publicações especializadas e fazendo o que classifica como surf mental. Mas nada comparado ao que sentiu na semana passada, quando conseguiu "dropar" sua primeira onda após tantos anos. Desde então já caiu quatro vezes no mar, sendo a última na quinta-feira, nas Astúrias, em Guarujá, dia em que o sol escaldante o lembrou dos momentos em que sonhou voltar a uma prancha. "Chegava esse calor, que nem hoje, todo mundo indo para a água e eu sem poder ir".

A volta foi possível graças ao patrocínio de empresas como a G-Zero Tech, Hang Loose, Reef e Mormaii, à ação de amigos que sempre estiveram ao seu lado e à gravação do curtametragem Aloha, do qual será um dos personagens. Desenvolvido por jovens das Oficinas Querô, o projeto mostra a história de personagens que, através do surf, superaram os desafios de suas vidas.

Para mostrá-lo em ação, o shaper Neco Carbone, junto com Taiú e o surfista big rider Jorge Pacelli, desenvolveram uma prancha adaptada especialmente para a deficiência de Taiú. Tudo acompanhado de perto pelo fisioterapeuta Marco Antônio Ferreira Alves, todos amigos de mais de 30 anos. Neco explica que a prancha é uma adaptação de uma Tandem (onde surfam duas pessoas) com stand up (um em pé). Mas com uma diferença: enquanto Taiú vai em um assento especial, Pacelli fica em pé com o remo e Neco rema com os braços

atrás.

"A ideia foi fazer uma Tandem que seria ele sentado num banco e uma pessoa de stand up. Só que quando a gente pôs a prancha na água e começou a remar, viu que estava pesado para uma pessoa na propulsão para ter velocidade de remada. Aí entrou mais um atrás, remando com as mãos. A técnica acabou sendo improvisada".

A prancha tem 14 pés, 40 polegadas de largura e 10 de espessura, contra 10 pés, 30 de largura e 4,5 de espessura de uma stand up tradicional. "Tudo foi desenvolvido primeiro em um software próprio e um robô cortou a prancha nas dimensões que pedimos. Todo o processo demorou um mês e a prancha ficou pronta em dez dias".

A única necessidade para Taiú é uma sonda e a roupa de borracha. Solto na cadeira adaptada, ele fica totalmente livre para dar mergulhos caso pegue uma onda mais forte situações em que os amigos devem resgatá-lo rapidamente. "Estou preparado caso isso aconteça", diz Taiú. Na última quinta-feira, ele viveu seu melhor momento desde que voltou ao surf. "Foi a melhor onda que já peguei".

Tudo foi acompanhado de perto pela esposa, Diana Campos Bueno, com quem está junto há sete anos e por amigos e aprendizes como o jovem Luiz Paulo da Siqueira, de 14 anos. "Ele é meu treinador". Uma das mais esfuziantes era a cadela Lana, uma Golden Retriever de 5 anos que não queria sair de perto do dono.

